

# SERVIÇO

## MOSTRA UNIVERSITÁRIA

Dia 10. de junho começa, no Teatro Carlos Gomes, a 1ª Mostra Capixaba de Teatro Universitário, reunindo seis espetáculos montados por alunos da Ufes: "Um Tango Argentino" e "As Interferências", de Maria Clara Machado, "A Infidelidade ao Alcance de Todos", de Lauro Cesar Muniz, "Guernica", de Fernando Arabal, "O Urso", de Anton Tchecov e "Auto da Compadecida", de Ariano Suassuna. Os espetáculos serão apresentados no Teatro Carlos Gomes sempre às 21 horas.

## TEATRO



"Canção de Fogo" despede-se hoje do palco do Teatro Carlos Gomes numa única sessão às 21 horas.

### "CANÇÃO DE FOGO"

## Num espetáculo de grande vitalidade, o humor satírico do nosso cordel

Comédia musical em versos baseada no repentismo e na literatura de cordel, incluindo um trabalho de pesquisa sobre as manifestações musicais do folclore nordestino, "Canção de Fogo" terá hoje sua última apresentação no Teatro Carlos Gomes, às 21 horas. Os ingressos estão sendo vendidos a Cr\$ 15,00 (estudantes), Cr\$ 30,00 e Cr\$ 150,00 (camarotes). A direção é de Luiz Mendonça, o texto de Jorge de Lima e os cenários de Gianni Ratto; as músicas de Kátia de França, Alceu Valença, Livardo Alves e a coreografia de Debret. Com Elba Ramalho (Maria Pitombeira), Tonico Pereira (Cancão), Silvio Fróes, Edna Tossatt, Rui Rezende, Helio Guerra, Marcos Borges, Albee Amós, Luiz Mendonça, Angela Falcão e Luiz Carlos Nino.



Luiz Mendonça e Edna Cosate em "Canção de Fogo".

As pesquisas do grupo dirigido por Luiz Mendonça vão de encontro a um "teatro de cordel" que é a encenação, à maneira dos livrinhos tão largamente consumidos no nordeste e vendidos em todo o Brasil, de histórias que consigam através dos atores refletir o clima mágico e espontâneo desta forma de criação literária tão identificada com a região. O entrosamento do grupo consegue recriar estes climas no palco também através das músicas, sejam as de Alceu Valença que tanto se identificam com o tema, sejam as do importante trabalho de pesquisa realizado por Kátia de França sobre a incrível variedade de temas musicais típicos do nordeste. Estas músicas, junto à coreografia, cortam os climas e situações dando um tom peculiar e muito coerente ao termo "comédia musical" que é o estilo da apresentação.

"Canção de Fogo" assume sua posição marginal em nome de uma possível sobrevivência, e, como seus companheiros, não tem noção exata do porquê de suas mazelas. Apenas sente. Isso permite que as ações se alterem em torno da histeria em si e que as partes onde o humor não está incluído tenham uma força incomum, entre os cenários sutis e coerentes à idéia de que todas as situações podem se modificar repentinamente. Jairo Lima continua o seu trabalho

em torno do cordel e dos repentismos deixando nos versos uma liberdade incomum de estilo, nessa peça onde a idéia do que seja um grupo teatral fica demonstrada a partir da identificação maior com o gênero e da aparente liberdade nas marcações, um tanto prejudicadas pelo tamanho e estilo italiano do palco do teatro de Vitória.

Há momentos de criação intensa. Visualmente tudo funciona como um exercício de imaginação para o espectador sempre surpreen-

dido a cada música, a cada coreografia, a cada troca de personagens feita pelos atores, de versatilidade também surpreendente. Difícil é para o crítico sentir em termos de comunicação popular, quando o tema se encontra tão identificado à mediocridade e ao populareço. Esta comunicabilidade pode ser analisada pelas reações da platéia, variadas e simultâneas a cada mudança de quadros e posições dos personagens em relação ao enredo. A identificação com o cordel surge natural e sensivelmente.

"Canção de Fogo" faz rir sempre que dá a perceber esta intenção, quando não está mais patente seu conteúdo conscientizador que nos leva a uma reflexão própria do didatismo em termos de nosso povo e folclore. O cordel nos lembra nossa mais popular condição, e sua presença nos palcos é mais que a esperança do surgimento de uma consciência teatral voltada para nossos temas e sem estrangeirismos. Sua concepção e realização, através do brilhantismo do grupo e do valor de seus integrantes, podem ser tomados como um ponto de referência no encontro dessa temática brasileira, e a evolução dos trabalhos em busca do teatro popular é mais que auspiciosa. (ANTÔNIO MENDES AMERICANO)

## E começa a se formar nosso primeiro grupo oficial

Estarão abertas, no Teatro Carlos Gomes, até o próximo dia 31, as inscrições para quem desejar trabalhar em teatro (atores técnicos), integrando o Teatro-Estúdio da Fundação Cultural do Espírito Santo. Seu diretor, Antonio Carlos Neves, explicou que serão realizados testes de seleção entre os inscritos, para a escolha de 15 atores, um assistente de direção, um cenógrafo, dois contra-regras e um iluminador.

Depois do término das inscrições, os interessados deverão se dirigir ao Teatro, do dia 8 a 12 próximos, para se informarem sobre o dia dos testes, que serão realizados entre junho e julho na sede do Teatro-Estúdio, edifício das Fundações, 10o. andar. Os testes consistirão em: apresentação de um episódio e uma poesia pelo ator; dois esboços de qualquer cenário para qualquer peça que deverão ser apresentados pelo candidato a cenógrafo; e entrevista com os contra-regras e iluminadores. De seis em seis meses, serão selecionados novos atores e dispensados aqueles que não demonstrarem interesse.

### Idéia

A diretora da Fundação Cultural do Espírito Santo, Beatriz Abaurre, desejou criar um grupo de teatro próprio do órgão ou uma escola. Antonio Carlos Neves, que graduou-se em cinema e teatro, apresentou um Plano de Estruturação do Teatro no Espírito Santo. Para ele, o teatro, no Estado, se dividiu em três etapas.

Até os anos 60, a situação era diferente: não existia a Fundação Cultural, apoio ou movimentos. As pessoas interessadas na arte teatral ou cinematográfica iam para outros centros onde havia movimento. O que aconteceu então é que houve uma defasagem humana nestas duas áreas. Durante os anos 70, foi criada a Fundação Cultural, que trazia grupos de fora para se apresentarem, despertando assim o interesse de pessoas que desejariam participar da arte cinematográfica ou teatral. Mas ocorreu outro problema: esta vinda de grupos causou o esmagamento da cultura local em benefício da cultura do Rio de Janeiro ou São Paulo. Agora, as pessoas vêm de fora para trabalhar no Estado. Como é o caso de cineastas do Rio ou São Paulo que vêm filmar aqui pois recebem ajuda do Governo, o que não acontece nestes Estados. Com relação ao teatro, a falta de uma escola e biblioteca, com textos especializados, fazem com que os atores trabalhem apenas na intuição, sem condições técnicas, pois não existem possibilidades de se desenvolverem nestas partes. Durante os ensaios, o diretor deve explicar como trabalhar, e isto toma um tempo muito grande, fazendo com que, no final, a apresentação do trabalho seja apenas superficial. Existe também o problema da diferença do tempo entre a apresentação de uma peça para outra. Leva-se, às vezes, mais de quatro meses para poder apresentar outra peça.

### Plano

Segundo Antonio Carlos Neves, o objetivo primordial do Plano de Estruturação do Teatro no Espírito Santo é de dinamizar a atmosfera teatral no Estado, criando o Teatro-Estúdio e não uma escola, "que dá a idéia de vários professores e várias matérias o que não

pode ser feito no Estado. O Teatro-Estúdio dá a idéia de uma miniatura".

Outra meta do plano é a criação de um teatro de arena, para que haja uma opção cênica para o público e o ator. "O Teatro Carlos Gomes tem um palco italiano e o uso contínuo de um só tipo de palco vicia tanto o ator como o espectador. Temos também a intenção de criar um teatro de bolso, que funcionaria na sede do Teatro-Estúdio, no edifício das Fundações. Pessoalmente, acredito que o melhor local para teatro de arena seria o antigo mercado da Capixaba. Soube que pretendem transformar o local numa feira de artesanato, mas acho que esta poderia ficar em qualquer local aberto, enquanto que um teatro deve ser feito em um local fechado.

### Metas

Outro objetivo do Plano é a formação de uma biblioteca especializada em textos teatrais. Explicou Antonio Carlos Neves que "haveria uma central de peças, onde várias pessoas fariam pesquisas sobre a história e cultura do Espírito Santo, transformando-as em peças teatrais para uma maior divulgação, pois, o que existe atualmente, é uma lacuna sobre estes dois assuntos. É o que está sendo feito na Bahia, Pernambuco e outros Estados".

Também nesta central de peças seriam feitas traduções de textos teóricos e peças, numa tentativa de traduzir o que não está sendo divulgado no Brasil. Estes textos são encontrados, em sua maioria, em inglês e francês.

"A dinamização do teatro deve ser feita com a colaboração de todos, afirmou Antonio Carlos Neves, pois o objetivo do plano é, também, dar condições aos atores de criar bases técnicas, aproveitando a intuição que possuem. A gente ouve falar muito do teatro baiano ou pernambucano, mas isto acontece porque eles têm uma organização que faz com que haja um maior aproveitamento do material humano e regional".

Deve haver uma união no trabalho para que não haja rivalidades entre os grupos. Em Vitória, existem apenas três: o Teatro da Barra, o Grupo Geração e o de Flodoaldo Viana. Este último é um grupo muito fechado, que não troca experiências com os outros. Alguns elementos da Barra trabalham também no Geração. Por isso, quanto a este lado, creio que não haverá rivalidades e intrigas. Com as inscrições abertas, nos esperamos que surjam pessoas interessadas, unindo também todos os elementos bons dos grupos, em vez de fazer vários grupinhos com alguns elementos bons e outros não".

O Teatro-Estúdio é uma experiência que procurará criar bases técnicas para o desenvolvimento do ator. A intenção do diretor é fazer um sistema de rodízio: enquanto uma peça estiver sendo apresentada em Vitória, a outra irá para o interior do Estado e uma terceira estará sendo ensaiada para próxima apresentação: "Isto fará com que não haja estresse. Um ator poderá ter um papel importante numa peça e outro menor em outra, fazendo, assim, com que tenha vários papéis e que também os outros tenham oportunidade de também terem papéis importantes."

O diretor está confeccionando uma lista de livros indispensáveis, sendo que alguns serão talvez ser adquiridos através do Serviço Nacional de Teatro.

## O sucesso de Mendonça na busca de uma linguagem brasileira

Vencedor do prêmio Molière de 1974 pela direção de "Viva o Cordão Encarnado", apresentado com muito sucesso em Vitória, Luiz Mendonça continuou seu trabalho em busca de um teatro de cordel em "Lampião no Inferno" e agora em "Canção de Fogo", as duas últimas escritas por Jorge Lima no estilo bem popular da literatura de cordel e do repentismo, formas de manifestação artística que são as mais populares do nordeste. Teatro ele faz desde 1950, quando morava em Nova Jerusalém, em Pernambuco, e com sua mãe e irmão participava das representações ao ar livre realizadas pelos moradores e hoje bem conhecidas.

Em 1958 formou no Rio o seu grupo teatral, depois de haver participado de vários outros em Pernambuco e no Rio, como o Opinião e o Decisão. Teatro, para ele, é viável apenas em equipe, porque "o dedetismo já morreu e foi absorvido pela televisão, em grande parte". Em 1971 ganhou o prêmio Governador do Estado pela peça "As Incêndias", onde o tema do cordel já era explorado em duas partes insólitas: numa delas, uma morte e sua comemoração, na outra, um casamento e uma festa que não se realizava.

"Viva o Cordão Encarnado" continuava nosso trabalho e tinha Elke Maravilha como estrela. E "Lampião no Inferno" foi a primeira peça onde o vedetismo foi esquecido pelo público, que lotava teatros como o João Caetano pela primeira vez sem a atração principal. A atração era o grupo. "Lampião" foi apresentada inicialmente com Madame Satê e Joel Barcellos sem muito sucesso, e apenas quando o grupo passou a apresentá-la sozinho passou a ser sucesso de público e crítica, em São Paulo. "Mesmo a volta, no Rio, teve melhor conceito, e a partir daí o perigo de criarmos vedetes passou a ser um problema para o grupo", explica Mendonça.

Um exemplo foi o prêmio ganho por Tânia Alves como melhor coadjuvante, dado pela Associação Paulista de Críticos de Arte, que a levou a fazer um contrato, saindo do grupo. Os produtores, que nunca querem investir em peças ou atores, não deixam de convidar sempre os integrantes para participação em peças mais elitistas que as encenadas pela equipe.

Elitismo é uma constante no teatro brasileiro, tão receptivo às manifestações e influências importadas. Fomos em todos de luta por um teatro brasileiro. Há grande

dificuldade em achar peças que possam ser levadas em termos mais populares. No sul é comum a peça ser escrita dentro de um apartamento, pelo autor, que leva ao palco o drama do apartamento numa comunicação muito linear, da classe média para ela própria. Essas peças lembram uma sessão de psicanálise, e só seriam válidas se houvessem chances para os outros temas, uma abertura mesmo para todas as idades, admitiu.

Para Mendonça a popularização do teatro implica em muitas barreiras. "a partir da própria casa de teatro". A arte que foi criada no campo e saiu para a rua hoje é "escondida por detrás da bilheteria, da porta, do pano". O teatro de cordel, que atualmente é o bem sucedido trabalho da equipe, "busca a anulação destas barreiras e das influências estrangeiras que fizeram do palco nacional um ambiente fechado ao homem comum, por ser carregado de menções e climas que não pertencem ao seu ambiente".

O cordel já é algo brasileiro, mas não como a chanchada, por exemplo, que apesar da identificação com o público era uma variação muito livre da comédia francesa. Os



Mendonça: a recusa ao elitismo

diretores estrangeiros que vieram e melhoraram o teatro brasileiro criaram sem saber o problema do elitismo e a mania de copiar sempre os temas estrangeiros. Mendonça lembra, porém, que vem ressurgindo o teatro com temas mais nacionais, através de Vital Sanso, em Caruaru, de Vicki Militello (atualmente com cinco histórias de cordel encenadas em uma peça em cartaz no Rio), do grupo da Faculdade de Direito de São Paulo, "Rei Momo", e das experiências mais em termos de teatro aberto do grupo "Pão e Circo".

A liberdade de escrever sem barreiras estilísticas ou éticas é um dos pontos mais importantes do cordel em sua comunicação com o povo. Os livrinhos de cordel chegam a vender 500 mil exemplares e são encontrados em todo o Brasil, inclusive em Vitória, numa das bancas da Vila Rubim. Em "Canção de Fogo", Jairo Lima escreve como um autor urbano fazendo cordel, aproveitando as histórias que, segundo Mendonça, "são livros e não peças, mas tem a magia do folheteiro que é adaptada nos textos para encenação".

A identificação com o público é muito em termos de análise, pois "Canção" alterna a comédia, a música, a coreografia e o clima causado pelas aventuras do personagem.

Mendonça comenta a respeito desta peça que ganhou o prêmio Humanidades em 1968 e conseguiu no Teatro Experimental Cacilda Becker uma recepção excepcional para o tema. Ele acha que "Canção" poderia mesmo ser levada a teatros mais elitistas, como o João Caetano, no Rio de Janeiro, pela integração do material e a evolução que existe em relação aos trabalhos de "Lampião no Inferno".

Lançamentos recentes do teatro brasileiro como "Gota D'Água" e "O Último Carro" são vistos por Mendonça como "uma ousadia dos produtores, que finalmente procuraram investir na procura de um novo público, de uma nova linguagem, que nossos autores poderiam pesquisar a partir das chances de ter seus trabalhos encenados". O trabalho em grupo é que permite à equipe de "Canção" a pesquisa do cordel, diminuindo os custos de produção das peças que apresentam.

Em "Canção de Fogo", que hoje despede-se do palco do Teatro Carlos Gomes, o diretor Luiz Mendonça participa também como ator, acumulando nada menos que três personagens: Vitalino, Onofre e Jairo.



Antonio Carlos Neves é o diretor artístico do Teatro Estúdio criado pela Fundação Cultural.